

Uma consciência de classe no Sul-Global? Trabalhadores, associativismo e relações de capital e trabalho na periferia do capitalismo (1880-1922)¹

Leôndidas Freire Júnior²

Resumo: Nesse trabalho, busco o estudo da formação da cultura associativa entre os trabalhadores das sociedades mutuais no sul-Global, principalmente nos intercâmbios operários do Piauí e Maranhão com o resto do mundo – busco evidenciar como as relações de capital e trabalho formataram novas experiências para aqueles operários, por esse motivo demonstro suas relações com outros estados e com outros países, tentando romper tanto a "lógica federalista" de análise histórica, da forma elucidada por Claudio Batalha bem como a lógica do "nacionalismo metodológico" criticado por Marcel Van Der Linden. Parto do próprio processo organizativo dos operários, utilizo o recorte temporal que vai de 1880 até 1922.

Realizo para esse fim, avaliações historiográficas da historiografia global do trabalho, que me possibilitam análises das fontes necessárias como jornais operários, estatutos e atas das sociedades mutuais, visando evidenciar diversas problemáticas referentes a , concepções de formas ampliadas de associativismo, um fenômeno de formação de uma consciência de classe no bojo da própria luta de classes, que se dava em contornos geográficos referentes a periferia do capitalismo. Evidenciando as conseqüências dessa consciência de classe que trazia intenções internacionalistas embora estando os trabalhadores e trabalhadoras estudadas bem distantes dos grandes centros mundiais capitalistas da época. Entendimentos operários de classe, influenciados e influenciáveis via ideários sociais de outras partes para além do sul-global, e também advindas dessa região do sertão do lado sul do globo.

Palavras-chave: trabalhadores, capital, Sul-Global

A South-Global class consciousness? Workers, associativism and relations of capital and labor in the periphery of capitalism (1880-1922)

Abstract: In this paper, I seek to study the formation of associative culture among the workers of mutual societies in the South-Global, especially in the labor exchanges of Piauí and Maranhão with the rest of the world - I try to show how capital and labor relations have shaped new experiences for those And thus demonstrate their relations with other states and with other countries, trying to break both the "federalist logic" of historical analysis, as elucidated by Claudio Batalha as well as the logic of "methodological nationalism" criticized by Marcel Van Der Linden. I start from the workers' own organizational process, I use the time cut from 1880 to 1922.

To this end, I make historiographical evaluations of the global historiography of the work, which allow me to analyze the necessary sources as workers' journals, statutes and minutes of mutual societies, in order to highlight several problems related to conceptions of expanded forms of associativism, a phenomenon of A class consciousness at the heart of the class struggle itself, which took place in geographical outlines concerning the periphery of capitalism. Evidenciating the consequences of this

¹ Esse texto é fruto do trabalho final da Disciplina Metodologia III: Poder e Sociedade: História Social Do Trabalho: Fronteiras, Propostas E Desafios, ministrada pelo Professor Marcelo Badaró de Mattos na Pós graduação em história da UFF.

² Estudante do mestrado em História Social da Universidade Federal Fluminense, na setor de História Contemporânea 3

class consciousness that brought internationalist intentions although the workers were studied very far from the great world capitalist centers of the time. Understandings of class workers, influenced and influenced by social ideas of other parts beyond the global, and also coming from that region of the hinterland on the south side of the globe.

Keywords: workers, capital, South-Global

O sertão é do tamanho do mundo.

Guimarães Rosa

*Riacho do Navio corre pro Pajeú/
O rio Pajeú vai despejar no São Francisco/
O Rio São Francisco vai bater no 'mei' do mar.*

Luiz Gonzaga

Era um começo de tarde fria na Bélgica em 9 de junho de 1891, quando pelas primeiras horas da manhã no Brasil, o Jornal *O Artista Caxiense* saiu aos becos e travessas de Caxias no Maranhão, trazendo informações escolhidas pela sociedade mutual Club Patriótico dos Artistas Caxienses.

O órgão de propaganda da mutual rapidamente é lido nas portas das oficinas e fábricas³ - é enviado a ilha de São Luís pelos barcos a vapor que trafegavam pelo Rio Itapecurú. Em outra direção fora enviado a Flores, atual Timon, nessa cidadezinha foi lido por operários que moravam por ali, e depois enviado a cidade ao lado. Percorreu poucos metros em uma pequena embarcação para cruzar o rio Parnaíba e chegar em Teresina capital da Província do Piauí.

Trazia a notícia “Greve na Belgica! O Congresso dos operários mineiros belgas, resolveu organizar uma greve geral para os fins de Maio, caso a câmara dos representantes da Belgica adie a revisão da legislatura sobre minas. Exemplo aos Brasileiros”⁴

A “Manchester Maranhense”, como foi rotulada pelos industriais eufóricos da época, era uma cidade no sul global, no sertão da província do Maranhão. Estava ao final do século XIX com uma presença operária significativa, demonstrada através de

³ Existiam em 1985 cerca de 27 fábricas na cidade de Caxias, fábricas de fiação, de pilar arroz, de sabão, de cigarros etc.

⁴ Greve na Belgica. *O Artista Caxiense*, Caxias, anoII, n.20, p3, 09 jun. 1891. Jornal operário e instrumento de propaganda da sociedade Club Patriótico dos Artistas Caxienses.

associações mutualistas, que mantinham jornais como ferramentas de propaganda e de comunicação operária.

Nesse contexto essas agremiações mantinham contato com outras organizações de trabalhadores ao redor do globo, e mesmo com sociedades mutuais mais próximas geograficamente, que de maneira semelhante as sociedades mutuais de Caxias, realizavam trocas de informações, de livros, jornais, estatutos, com operários de Lisboa, Liverpool, Nova York entre outras cidades.

Um exemplo dessas trocas, dá-se no caso da Sociedade Centro Caixeiral fundada em 1890, que da ilha de São Luís mantinha vínculos com organizações operárias de praticamente, todos os estados⁵ brasileiros no ano de 1902, além de manter correspondência e troca de estatutos e jornais e relatórios com diversas outras associações operárias pelo mundo.

José Gomes de Castro era um operário e o Bibliotecário da sociedade mutual, cabia-lhe o dever de receber e enviar tais documentos e manter os intercâmbios, globais e locais, não era uma tarefa das mais fáceis, entretanto havia um ponto que poderia facilitar esse contato, uma vez que:

Somos filhos de um país em que as distancias de um estado a outro não são ainda cortadas com celeridade, por isso estamos bem longe daquelas humanitárias agremiações, mas a distancia não importa; ela nos é ligada por esse fluido sutil e imponderado que nos identifica- o pensamento.⁶

Essas relações de trocas de pensamento se davam através do telégrafo, pelo mar, pelos rios e até mesmo com o contato direto de trabalhadores do atlântico que vinham de outros países realizarem trabalhos esporádicos no delta em mar aberto do Rio Parnaíba, nos portos de Amaração na cidade de Parnaíba no Piauí e nos portos de Tutóia, e ainda em São Luís do Maranhão.

Os trabalhos esporádicos e os contatos através de trocas de informações traziam tanto estrangeiros, quanto informações para o sertão, mas não chegavam somente até a “Manchester Maranhense”, até a cidade de Parnaíba, ou até as capitais

⁵ Em 1902 foi feito um levantamento das obras da Biblioteca da Sociedade Centro Caixeiral, foram encontrados “545 volumes de obras em linguas diversas, sendo 530 gentilmente oferecidos, e 15 comprados” na sessão de jornais remetidos por outras associações operárias tem se a acusação de recebimento de jornais de organizações de trabalhadores provenientes de outros locais do Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Alagoas, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina, São Paulo e Paraná.in: *Centro Caixeiral*, São Luís, ano 12, n.x, p 80, 02 mar. 1902.

⁶ *Centro Caixeiral*, São Luís, ano 12, n.x, p 01, 02 mar. 1902.

São Luís e Teresina – como de maneira recíproca da capital Teresina, de Caxias, de Parnaíba e de São Luís saíam anseios, projetos societários operários e os próprios operários que embarcavam mar a dentro em busca de novos trabalhos.

Havia uma verdadeira dialética do local-global, o local fazia-se também parte do global.

A relação Global-local é identificada como já afirmado na citada acima Sociedade Centro Caixeiral, ao receber e enviar regulamentos, estatutos como regimentos internos de associações operárias e também assinar jornais operários e não operários de outras partes do mundo, como o *Occidente* de Lisboa, *The Sphere* de Londres, entre outros jornais que vinham de Paris, de Buenos Aires, e de outros locais.

O ambiente de trocas mútuas entre jornais, estatutos, elementos constitutivos do mutualismo operário fora uma realidade em diversos lugares do mundo no fim do século XIX e início do século XX, essa troca fornece um ambiente propício ao surgimento de uma integração na cultura associativa, caos essa possa ser pensada de um modo mais global.

Um estudo que conseguiu refletir sobre esses intercâmbios operários associativos e seus vínculos nacionais e internacionais fora a pesquisa de Osvaldo Maciel, que percebeu que no ano de 1883, a organização mutual Sociedade Perseverança e Auxílio em Maceió por exemplo, recebe jornais de varias províncias do Brasil dentre elas do Piauí e Maranhão, inclusive de vários países como França, Itália, Inglaterra, Estados Unidos. Maciel atenta para o fato de isso possibilitar “a formação de uma cultura associativa sem precedentes até então, fortalecendo os espaços de experiência mutual, da cultura letrada e da vida cívica urbana do país.”⁷

Realizar um esforço para evidenciar de maneira inicial, alguns desses contatos internacionais de associações mutualistas de trabalhadores nos finais do século XIX e em meados do século XX, elucidar ainda o mutualismo como fenômeno complexo, espacial, demonstrando um contorno de experiência e consciência de classe que vinha dos operários e operárias da época, traduzidos em suas vivências, costumes, auto-identificação com lutas, anseios, conquistas, medos e fracassos de outros trabalhadores ao redor do mundo, é o meu objetivo principal no presente texto, parto de uma

⁷ MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *A PERSEVERANÇA DOS CAIXEIROS: o mutualismo dos trabalhadores do comércio(1879-1917)*Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.p.202

concepção de *História Global do Trabalho*, bem como outras formas de escrita da história do trabalho a guia de estudos recentes⁸.

Entretanto antes de discutir o conceito de *História Global do Trabalho*, e adentrar a uma perspectiva de análise que enfoque no sul global e suas relações com o mundo, tenho a noção de que me refiro nesse momento a um estudo que está localizado dentro do campo da história do trabalho no Brasil, assim é necessário apontar uma das nossas grandes dificuldades referentes a alguns problemas relacionados a própria configuração dos estudos, no que se refere a um âmbito nacional, antes mesmo do global como observa Claudio Batalha, “Nos estudos da Primeira República têm-se a impressão de que os pesquisadores interiorizam a lógica federalista, restringindo-se a análises no âmbito municipal ou estadual.”⁹

O Problema dessa lógica Federalista será enfrentada aqui em primeiro momento, para que após possa ser feito o estudo inicial sobre as conexões mutualistas globais operárias. Assim, acredito que a pesquisa empírica das ligações existentes entre uma província e outra, tanto pelos setores patronais e principalmente pelos setores do operariado, podem romper com um estudo na lógica municipal e estadual. Refiro-me principalmente as províncias do Piauí e Maranhão, bem como suas ligações com outros estados.

A conexão no sertão do nordeste já remontava a discussões que passavam também pelo âmbito das classes patronais, devido a confluência da geografia local, e ademais o próprio comércio e a indústria no *meio-norte* brasileiro do final do século XIX. O desembargador da República José Manuel de Freitas em 1885, já afirmava

Desejando esta Presidência a ouvir a opinião da diretoria da associação acerca do projeto da estrada de ferro que presentemente mais convenha a esta província – se o da Capital ao Rosário, pela nova estrada da estiva, que liga a ilha de São Luís ao continente, se a de Caxias a Teresina, unindo as bacias do

⁸ Alguns estudos influenciaram minha perspectiva metodológica, como: LINEBAUGHT, Peter; Marcus, REDIKER. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. MARQUESE, Rafael de Bivar; PARRON, Tâmis Peixoto. *Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão*. Topoi, v.12, n.23, p.97-117, dez. 2011. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos & CARVALHO, Marcos J. M. de. *O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (1822-1853)*, São Paulo, Cia. das Letras, 2010. FINK, Leon. *A grande fuga: como um campo sobreviveu a tempos difíceis*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2012, vol.32, n.64, pp.15-25. ISSN 1806-9347. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882012000200002>.

⁹ BATALHA, Cláudio. *Os desafios atuais da história do trabalho*. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006 P.93.

A associação em questão, é a Associação Comercial do Maranhão, no final desse levantamento, o projeto considerado mais importante foi o da ligação com Teresina, unindo Caxias a Teresina pela estrada de ferro.

No fim do século XIX a ligação Caxias - Teresina por vias férreas está pronta, e na década de 1920 o vínculo por via férrea entre Teresina e São Luis também se completa, finalizando assim o projeto inicial da estrada de ferro, que desejava desde o século XIX a ligação por trilhos entre a ilha de São Luís e Teresina.

Entretanto essa conexão Piauí - Maranhão não era somente no meio patronal, a ligação que mais nos interessa se dava também no meio operário, e pode ser percebida de uma forma mais concreta em dois momentos: o primeiro momento no Primeiro Congresso Operário Brasileiro de 1906, e o segundo pelas próprias relações de trabalho, que se davam entre operários e operárias do Piauí e Maranhão nas águas transnacionais do Rio Parnaíba, e com relação ao mundo atlântico, através dos portos de Amarração e de Tutóia.

O primeiro momento que expressa essa ligação operária Piauí-Maranhão, parte de duas associações de trabalhadores de cunho mutualista, uma em Caxias e outra em Teresina.

A Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí e o Círculo Federativo Socialista dos Obreiros de Caxias - as duas associações combinam enviar um único representante a um congresso socialista que ocorreria na sede na União Operária do Engenho de Dentro no Rio de Janeiro, entretanto esse congresso não ocorreu - o que ocorreu de fato foi o primeiro Congresso Operário Brasileiro em 1906.

O representante escolhido para falar pelas duas sociedades no congresso socialista, foi Benedicto Saraiva da Cunha. Porém, por algum motivo congresso socialista idealizado pela União Operária do Engenho de Dentro como já citado não houve, Benedicto resolveu ir assim mesmo ao Rio de Janeiro, mesmo não havendo o congresso socialista, resolveu continuar a missão de ir a capital federal para fazer parte do primeiro congresso operário brasileiro, de cunho mais amplo do que o imaginado congresso socialista.

¹⁰ apud SOUZA, Joana Batista de. *O Poder dos trilhos: a trajetória do trem em Caxias do final do século XIX até a década de 1920* in: MELO, Salânia;PESSOA, Jordânia(orgs). *Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das Histórias de Caxias*. Teresina: Edufpi, 2010.

Curiosamente, ao analisar as resoluções do congresso operário brasileiro, percebo que “Além destas sociedades que estavam representadas no Congresso, há a acrescentar o Círculo Socialista dos Obreiros de Caxias, cujo representante adoeceu em viagem”.¹¹

A notícia da doença e da viagem de Benedicto, não foram bem aceitas pela Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, pois essa queria participação de um delegado apenas, se fosse no congresso socialista, o que não houve, assim em seu órgão de propaganda *o Operário*, a mutual do Piauí ataca Benedicto, e o acusa de esconder um jornal da associação que afirmava que o congresso socialista fora cancelado.

Segundo a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí ao chegar em Caxias o seu jornal de propaganda, a sua edição anterior, afirmou que o Sr. Benedicto Saraiva da Cunha que até então era o correspondente do jornal naquela cidade, “irreflectidamente ocultou o nº5 do „O“Operario”” [sic] que continha a explicação da União Operária do Engenho de Dentro, e fez isso por que não queria “perder o dinheiro que lhes ofereceram os collegas para represental-os no Congresso Socialista” [sic].

O Jornal termina a matéria afirmando que Benedicto já se encontra em viagem. Mas se de fato este adoeceu, se ficou com o dinheiro dos operários pra si, onde foi parar, até aqui não consegui saber. O que importa nesse acontecimento é saber que a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí e o Círculo Socialista dos Obreiros de Caxias demonstram que constroem experiências associativas conjuntamente, outro ponto que pude descobrir, trata-se do fato do senhor Benedicto Saraiva da Cunha ocupar cargos na diretoria tanto em uma sociedade mutual, como na outra, pois era 1º secretario da Assembléia Geral da Sociedade Centro Proletario¹² e também 1º secretário da Sociedade Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, e por fim presidente do Circulo Federativo Socialista dos Obreiros de Caxias, evidenciando a proximidade das mutuais e as ligações dos trabalhadores do *meio-norte*, nesse primeiro momento.

No segundo momento, refiro-me as relações de trabalho em águas internacionais, já começa então a se desenhar uma configuração que rompe tanto a lógica federalista de análise do mutualismo, quanto também o nacionalismo metodológico. O ambiente se passa no Rio Parnaíba, pelos idos dos anos de 1920, próximo ao Delta em Mar aberto das Américas.

¹¹ apud PINHEIRO, P. Sérgio; HALL, Michael. *A Classe Operária no Brasil: Documentos 1889-1930*. vol. 1, São Paulo: Alfa Omega, 1981, p.45

¹² Associação mutualista com sede em Teresina Piauí.

Um preto de nome Abílio um mulato baiano, era o comandante de uma barca no Rio Parnaíba - ao raiar do sol ele vinha pelo Rio na direção do continente para o oceano atlântico, naquela madrugada um amigo trabalhador da embarcação apitou 4 vezes ao se aproximar de uma margem, isso significava a senha daquela embarcação, que queria comprar quatro bois, os bois eram para os trabalhadores portuários comerem. Ao receber o carregamento, enquanto alguns estivas terrestres lutavam para carregar a embarcação com o gado, Abílio procurava mais lenha, pois era tirada em metro para manter funcionando parte das embarcações da empresa que ele trabalhava.¹³

Abílio recolhia esse gado, como já citado para alimentação de outros trabalhadores, nos portos de amarração em Parnaíba no Piauí e do outro lado no porto de Tutóia no Maranhão, o que demonstra relação de trabalho interestadual, pois eram muitos trabalhadores, a maioria negros que trabalhavam de marinheiros, estivadores, maquinistas, e serviços gerais em embarcações, que circulavam entre um estado e outro, Jeremias por exemplo

trabalhava só em terra, quer dizer, daqui do cais pra dentro da barca. Aliás, esse daqui de dentro do cais pra dentro do barco era o estivador marítimo. O estivador terrestre tirava de dentro do Armazém pra colocar no cais, a gente conferia e entregava ao mestre do barco, que ia pra Tutóia levar carga tinha a estiva terrestre, estiva marítima e os trabalhadores de armazéns, muita gente¹⁴.

Em Amarração, grande parte do transporte era realizado por barcas transportadoras, a maioria dos produtos exportados passavam pelos operários da companhia inglesa Both Line, que transportava grande parte dos produtos para serem levados até Tutóia no Maranhão e também São Luís e de lá em navios maiores carregados por outros trabalhadores adentravam oceano atlântico. Nesse ponto, nas relações de trabalho é percebido uma internacionalização da prestação de serviços.

A Both Line prometia pelas paginas da imprensa da época, serviço rápido e regular com luxo e conforto entre Europa, Nova Iorque, demais portos atlânticos dos Estados Unidos da América e o Norte e o Sul do Brasil, cabine de luxo, camarotes para até 3 pessoas e nas linhas regulares viagens a Liverpool, Porto, ilha da Madeira, Pará, Manaus, Maranhão, Ceará, Parnaíba e Tutóia.

¹³ Depoimento de Jeremias APUD GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... cidades-beira*.(1850-1950) 2008.Teresina: Edufpi, 2010, P.333,

¹⁴ Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p, 337.

Toda essa intensa movimentação rompe pelo menos aqui nesse contexto específico com uma lógica Federalista e já começa também a apontar para um cenário de internacionalismo operário, segundo Gandara:

Embarcaram e desembarcaram, trouxeram e levaram encomendas, mercadorias, despacharam colheitas, filhos que transitaram de cá prá lá, (do Piauí para o exterior) de lá prá cá, (do exterior para o Piauí) trabalhadores, aventureiros, que não saberíamos evidenciar com precisão de onde vinham, nem o que faziam.¹⁵

Evidenciar com precisão de onde vinham e o que vinham fazer esses trabalhadores que entravam, e os que saíam, é um dos desafios atuais nesse estudo que se pretende transnacional¹⁶, rompendo a prisão da lógica federalista.

Nesses sentidos colocados até aqui, cabe apresentar um pouco do que se trata a proposta da *História Global do Trabalho*, para essa discussão. Elenco seu principal autor e referencia na área, Marcel Van Der Linden que afirma:

No que diz respeito à metodologia, trata-se de uma “área de interesse”, mais de que um paradigma teórico bem definido ao qual todos tenham necessariamente que aderir. No que se refere aos temas, a *História Global do Trabalho* foca no estudo transnacional – e na verdade, transcontinental – das relações de trabalho e dos movimentos sociais trabalhistas na acepção mais ampla do termo, por transcontinental quero dizer o estudo que coloca todos os processos históricos num contexto mais amplo, por ‘menores’, em termos geográficos, que sejam esses processos, comparando-os com processos ocorridos em outros países, estudando as interações internacionais, ou usando uma combinação de ambos. O estudo das relações de trabalho envolve tanto o trabalho livre como o não livre, tanto o pago como o não pago. Os movimentos sociais dos trabalhadores envolvem tanto organizações formais quanto atividades informais. O estudo tanto das relações de trabalho quanto dos movimentos sociais requer que uma atenção igualmente seria seja devotada ao “outro lado” (empregadores e autoridades públicas). Relações de trabalho envolvem não apenas o(a) trabalhador(a) individual, mas também sua família, quando aplicável. Relações de gênero desempenham um importante papel tanto com a família, e em relações de trabalho envolvendo membros individuais da família. No que diz respeito ao período histórico estudado, a *História Global do Trabalho* não impõe limites à perspectiva temporal, embora na prática a ênfase é usualmente posta no estudo das relações de trabalho e movimentos sociais dos trabalhadores que emergiram com a expansão do mercado mundial, a partir do século XIV.¹⁷

¹⁵GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p 346.

¹⁶ Alguns esforços iniciais já foram feitos através de uma pesquisa em relatórios da companhia de navegação a vapor do Maranhão, no Arquivo Nacional, é possível identificar nomes de trabalhadores, e de onde vinham. Encontrei uma embarcação chegando a Tutóia cheia de trabalhadores de Buenos Aires em 1914. In: Microfilme AN 553/2001

¹⁷VAN DER LINDEN, Marcel. *Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma História Global do Trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp.2013,p.14-15

Realizar estudos sobre associativismo operário, pela perspectiva da área de interesse da história Global do trabalho, em minha concepção, aumenta o nível de dificuldade não somente da metodologia empregada, mas do acesso as fontes, das próprias explicações que envolvem essas interações internacionais, o quadro complexifica-se a medida que essa empreitada está unida ao estudo do Mutualismo. As sociedades mutuais na historiografia mais usual, freqüentemente são entendidas enquanto realidades micro, com laços de atuações muito específicos, até mesmo privados segundo alguns historiadores.

A dificuldade de tal empreitada entretanto, é percebida por Van der Linden que alude a duas principais dificuldades para se escrever uma história global do trabalho, o autor elenca dois erros por parte dos “nacionalistas metodológicos”, segundo Linden esses “são vítimas de dois erros intelectuais graves.

Em primeiro lugar, eles naturalizam o estado-nação. Com isso, quero dizer que eles consideram o estado-nação como sendo a unidade analítica básica e auto-evidente da pesquisa histórica.”¹⁸ O Segundo erro grave que é apontado refere-se aos que “confundem sociedade com Estado e território nacional. Ou seja, eles partem do pressuposto de que as ‘sociedades’(formações sociais) são geograficamente idênticas ao estado-nação, redes sociais múltiplas de poder não são sociedades única”¹⁹.

A afirmação de Van der Linden aponta-me para o repensar dos fluxos de idéias, de projetos societários que circulavam no período estudado, que vinham pelo atlântico da Europa principalmente, mas também da América Central, da própria America do sul como da Argentina, e de outras regiões do Sul Global, aspectos espaciais que são partes constitutivas das sociedades mutuais de operários, dentro da sociedades Maranhense e Piauiense no início do século XX.

Linden adverte que as sociedades “Não são totalidades jamais encontraremos uma sociedade única, circunscrita num espaço geográfico e social.”²⁰

Em situação concreta, o espaço do mutualismo operário no meio-norte brasileiro, passa por mim a ser a integrado a uma perspectiva mais ampla, própria de uma conceito geográfico de espaço-tempo que leve em considerações os intercâmbios operários da época. A análise desses dados faz com que a análises de dados locais em outros capítulos desse esforço acadêmico, passem por uma tensão permanente entre o

¹⁸ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.15.

¹⁹ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.16

²⁰ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.16

local e o global, transformando o associativismo operário, no que a época era entendido como conexão de pensamentos, de projetos de liberdade e de sonhos em comum.

Nesses termos, Teresina e sua configuração operária não faz-se em torno dela mesma, não está fechada aos seus ciclos, Caxias também não, São Luis, Parnaíba Amarante, Flores Codó, Floriano, Rio de Janeiro, São Paulo, Maceió, Sergipe, Lisboa, Manchester, Caiena, todos esses locais a certo modo tem uma conectividade, um ideal, uma bandeira uma experiência em comum. O tal “pensamento” que as identifica segundo a Sociedade Centro Caixeiral de São Luís.

Tais configurações operárias, além de uma conectividade de projetos societários e experiências compartilhadas, apresentaram também em diversos momentos, projetos destoantes de diversos locais do mundo, e justificativas de comparação para o abandono de idéias políticas e sócias. O Anarquismo por exemplo, será esmiuçado em outro capítulo, e nessa análise será demonstrado como para algumas sociedades mutualistas, as idéias dos anarquistas europeus não lhes trazia nenhuma simpatia, ao contrário, as viam com repulsa, condenavam seus métodos de ação.

Elucidar tais pontos de contato é o desafio do presente, para tentar romper com o “nacionalismo medológico”. Porém segundo Van der Linden “o maior obstáculo, (...) continua sendo nossa própria mentalidade.”

Na nossa mentalidade, ainda pensamos talvez um século XIX, ou mesmo início do XX, com locais distantes, desconectados, com associações operárias, trabalhadores com dificuldades para criar laços de um local para outro, unido a esse fato a ideia reducionista da compreensão do Mutualismo, principalmente a corrente historiográfica que vislumbra o mutualismo como uma espécie de extensão do poder estatal Liberal.

Provavelmente parte da dificuldade da grande fração dos trabalhos não só referentes a história do Trabalho, nesse quesito de se pensar as relações sociais para além do controle e participação do estado, seja o fato desses internalizarem a idéia de Rousseau, Locke e Hobbes, de Soberania, Território e Povo.

Desembocando em uma noção que restringe o campo de atuação do social e da cultura desde meados do século XVIII, ao espaço social regido por leis próprias de cada Estado ou região, a idéia de Montesquieu de que essas leis definem e diferenciam os estados, e essa divisão não atoa, segundo o filósofo tem o poder próximo de uma teoria geral da sociedade.

Benedict Anderson, em uma corrente oposta traz em seu livro *Sob Três Bandeiras*, recentemente publicado no Brasil o estudo das relações internacionais do anarquismo e do anti-colonialismo em pelo menos três países.

De forma mais atenciosa ao século XIX, segundo o autor "Tanto Filipinos quanto Cubanos encontram, em diferentes medidas, seus aliados mais fiéis em meio aos anarquistas franceses, espanhóis, italianos, belgas e britânicos- cada qual por razões próprias, com frequência não nacionalistas".²¹

Anderson reflete ainda sobre o mundo do final do século XIX e início do XX, sobre a possibilidades de ter realizado tais estudos - é afirmado que foram "possíveis por que as últimas décadas do século XIX testemunharam a gênese do que poderia ser chamado de 'globalização incipiente'. A invenção do telégrafo foi rapidamente seguida por muitos aperfeiçoamentos e pela instalação de cabos submarinos transoceânicos. O 'cabo' logo passou a ser visto como algo natural por cidadãos de todo planeta."²²

Com a área de interesse da *História Global do Trabalho* elucidada, e com uma indicação de possibilidade de se pensar nessa globalização incipiente, passo agora para a análise mais detida das interações nacionais e transnacionais das associações mutualistas do meio-norte do Brasil.

Um Ponto que refere-se tanto a relações no âmbito nacional quanto global trata-se da questão de um olhar global das associações mutualistas operárias referente ao tema da guerra.

O *Jornal dos artistas* em São Luís em 1908, e o *Jornal O Artista* em Parnaíba no Piauí em 1919 preocupam-se, com esse conflito mundial. No *Jornal dos artistas*, aparece em 1908, um artigo intitulado "O operariado contra a guerra", e nesse artigo vem uma nota circular de São Paulo da *Folha do Povo* onde o Anarquista Edgard Leuenroth demonstra preocupação com o mundo, e a possibilidade crescente de militarização, uma pauta que segundo Leuenroth, faz-se pertinente a medida que diz respeito ao operariado do mundo inteiro, que pode ser prejudicado em caso de guerra.

A resposta a Leuenroth é publicada pelo *Jornal dos Artistas* no sentido de demonstrar que os tempos atuais não cabem mais guerras, conflitos mundiais, e que o operariado deseja paz e trabalho para fazer do mundo um lugar melhor²³. Essa é uma

²¹ ANDERSON, Benedict. *Sob três Bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial*. Campinas/Fortaleza: Editora da Unicamp/Editora da UECE, 2014, P.20.

²² ANDERSON, Benedict. 2014, P.21

²³ O OPERARIADO CONTRA A GUERRA *Jornal dos artistas* Silvio de Lóres. 8 e 15 do 11 de 1908

questão internacional que agrupa associações do Brasil preocupadas com a ameaça de uma guerra, entretanto em 1908 ainda não havia tido a Primeira Guerra Mundial.

Comparado esse momento, com um momento posterior a Primeira Guerra Mundial, tem-se algumas observações que remontam a uma proximidade de duas associações mutuais e suas preocupações globais, para a Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba. Depois da primeira guerra mundial:

Nós um punhado de humildes operários ainda sob a imorredora impressão dos horrores da ultima guerra que durante cinco annos devastou a velha e culta Europa assombrando o resto do universo pensamos e queremos numa attitude salesiana, agremiar os nossos collegas, das diversas classes operarias desta sempre nobre e invicta cidade, para que unidos a nós, em sociedade,== unida e forte, possamos também, num assomo de crentes pela felicidade humana, commungar no grande, farto e interminável banquete da paz nascente[sic]²⁴

A paz é uma bandeira unificadora desses trabalhadores, mesmo uns em uma cidade, e outros em outra, em períodos diferentes, uma mutual antes da guerra e uma depois da guerra é perceptível a tensão local-global. Estas são as primeiras letras do *O Artista* ao público leitor, que assinala uma grande conectividade daqueles operários com as questões da agenda mundial.

Um fato que é corriqueiro para os jornais operários da época, assinala também um movimento que estava ocorrendo a nível nacional e mundial, que se tratava de uma maior preocupação com a questão dos trabalhadores. Após a 1ª guerra, já nos desdobramentos do Tratado de Versailles, o mundo passa a se preocupar com a questão operária, com a questão social, cria-se então as Conferências Internacionais do Trabalho, para assegurar melhorias aos operários do globo inteiro - que aquelas alturas já haviam demonstrado ao mundo, o que eram capazes de realizar, a exemplo trágico-para alguns - a Revolução Russa em 1917.

Todos esses vínculos nacionais e transnacionais apresentados até aqui perpassam por associações de cunho Mutual. A noção de *História Global do Trabalho* em um estudo que se queira entender tal área de interesse nas sociedades mutualistas, pode parecer algo inatingível para parte da historiografia do mutualismo no Brasil, que considera apenas a dimensão privada do das Sociedades Mutuais, e as rotulam como tendo uma lógica de funcionamento muito restrita, Cláudio Batalha ver na historiografia dois grupos de pesquisas, que:

²⁴ MERCURIO. Agosto de 1919. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.1, p.1, 15 ago. 1919.

das sociedades de auxílios mútuos adota dois enfoques distintos – em princípio, não contraditórios – para lidar com essas organizações. Um concebe o mutualismo como um fenômeno mais amplo e pluriclassista e o outro prefere interpretá-lo como uma das formas de organização dos trabalhadores. O primeiro privilegia a dimensão propriamente mutualista/previdenciária dessas organizações, ao passo que o segundo está mais atento para os aspectos que transcendem o mutualismo e que estão presentes nas intenções e nas práticas das associações.²⁵

O enfoque em meu trabalho está mais próximo ao segundo grupo, tento visualizar as costumes e as intenções de tais associações, que por várias vezes empiricamente, pôde ser constatado que transcendem o mutualismo em si, enquanto sua definição tradicional de seguridade privada com restrições de atuação regimentadas pelo estado.

O Historiador e Sociólogo Marcel Van der Linden traz algumas definições do Mutualismo, concernentes a sua preocupação com o global, entre elas, “O termo mutualismo se refere a todos os sistemas voluntários, nas quais as pessoas contribuem para um fundo coletivo, que é, no todo ou em parte, pago a um ou mais dos contribuintes segundo regras específicas de alocação”.²⁶

A definição de mutualismo de Van der Linden é bastante ampla, para alguns até mesmo vaga e genérica, porém talvez por desenvolver o mutualismo de uma maneira geral e na perspectiva mais ampliada, e não referindo-se somente ao mutualismo operário, o autor possa trazer um tom amplo, porém essa definição pode ser melhor compreendida se houver atenção ao fato de que “Não raro que duas associações mutualistas distintas tenham ligações uma com a outra, sejam elas direta ou indiretas. Em primeiro lugar as pessoas costumam pertencer a diversas associações do mesmo tipo ao mesmo tempo.”²⁷ Dessa constatação consigo abstrair um caminho que complexifica o entendimento de mutualismo.

Linden alça o termo “Solidariedade transfronteiras”, para explicar tais fatos, ele firma algumas prerrogativas para o que denomina como “Internacionalismo operário” e explica existem “razões que fazem com que grupos de trabalhadores de diferentes países se unam para tentar promover seus interesses em comum”²⁸, são

²⁵ BATALHA, Claudio. Realçando o debate sobre mutualismo no Brasil: As relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos á luz da produção recente, *Mundos do Trabalho*, vol.2.n.4 ago-dez. de 2010, p. 13.

²⁶ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.95

²⁷ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.105

²⁸ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.290

apontados quatro motivos para a compreensão internacionalismo operário, dentre os quatro o primeiro refere-se a “Identidade de interesses grupais de curto prazo”, nessa motivação, “As condições de vida e de trabalho dos trabalhadores de dois ou mais países mudam de tal forma que seus interesses se tornam mais ou menos idênticos, criando a possibilidade de uma promoção conjunta de interesses.”²⁹O internacionalismo nesse ponto se assemelha a algumas alusões dos trabalhadores do meio-norte Brasileiro com os trabalhadores da Argentina.

A mutual Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, através de seu jornal destaca que é urgente instruir o operário, e que o exemplo a ser seguido, deve ser o de algumas associações operárias da Argentina que tem conseguido inúmeros benefícios - refere-se no jornal o fato de um grupo de trabalhadores argentinos que segundo a compreensão dos redatores são mais polidos, menos entregues a radicalidade, e que esses tem conquistado benefícios que outros grupos de trabalhadores não os tem conseguido através de outros meios, mas o jornal adverte contraditoriamente a sua fala anterior que “Essas associações porém não devem observar a sentimentos egoístas”, e termina o assunto com a notícia de um congresso internacional de trabalhadores ocorrido na Argentina, e festejando a união internacional dos trabalhadores.

O exemplo Argentino, está assim como a publicação desse jornal operário, situado ao final dos anos 1920, Segundo Norberto Ferreras, na Argentina desse período:

Os sindicalistas revolucionários, mesmo quando não participavam eleitoralmente, diferiram dos anarquistas no fato de manter relações, e quase sempre boas, com o governo de Yrigoyen. Grande parte das conquistas operárias do período se deviam muito mais à intermediação deste grupo em determinados conflitos e ao acesso direto que tinham às altas esferas do governo, que às táticas socialistas. Para o governo de Yrigoyen era muito mais proveitoso atender às demandas deste grupo, desautorizando aos reclamos socialistas e mostrando que o crescimento eleitoral não se traduzia em conquistas para os trabalhadores.³⁰

A atitude da sociedade mutual em questão é perfeitamente compreensiva, pois existe como Linden afirma uma “ possibilidade de promoção conjunta de interesses”, quando se analisa o perfil político dessa mutual, vimos semelhanças com os grupos dos sindicalistas revolucionários citados por Norberto Ferreras, já que no estatuto de tal

²⁹ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.290

³⁰ FERRERAS, Norberto O. The Contemporary Argentine Society Constitution. Society and Work between 1880 and 1920. História, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 170-181, 2006 P.178

associação, estava claro “9º Não tomar parte directa ou indirectamente nos pleitos eleitoraes nem adotar este ou aquelle partido político local.[sic]”³¹. Em outros trechos os artistas ,fazem deboche da Política representativa:

Eis aqui um interessante questionário: Que é política? _ É a sciencia que ensina a viver do orçamento. _ Que é orçamento? _ É a panela nacional onde todos desejam metter a colher. _ Como se divide a política? – Divide-se em partidos. _ Pode dizer-me quantos partidos há? – Dois, o dos que estão em cima e dos que estão em baixo. – Costumam inverter essas funções políticas? – Sim senhor, por meio de uma troca de papéis que determina uma revolução. – E então o que succede? – Succede que aqueles que esmagaram gritam, e os que gritaram esmagam. – Obtêm-se por meio dessa inversão algum beneficio político? – Não, senhor, porque a ordem dos factores não altera o producto. [sic]³²

Esse argumento de desdenho da atividade política, lembra bastante a propaganda anarquista, e também do sindicalismo revolucionário, o que se pode observar, é que essa opinião política é um pensamento autônomo que encontrou ecos na Argentina do mesmo período, esses ecos eram daqueles que nesse momento, observavam pela sua própria experiência, no que resultava a política profissional, é certo que por isso o jornal da mutual em outras partes tencione bastante, tanto a idéia da unidade entre os operários dentro de uma organização - pois é de dentro desta sociedade, que eles vislumbram mudanças, e através da ajuda corporativa entre os irmãos de classe que poderão melhorar as condições de vida do operariado.

Os trabalhadores da Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, naquele momento tinham a consciência do que se passava pela Argentina, referente a condição operária. Estavam atentos as mudanças na sociedade daquele país, que “tinha mudado significativamente, não era mais uma sociedade que olhava para o trabalho como um elemento menor. Agora os trabalhadores tinham a quem e como reclamar, embora isso não fosse totalmente certo, mas pelo menos a sua presença era considerada central.”³³

Dessa maneira, essa unidade operária que indicava uma identificação com o outro, para além de projetos societários perpassava também pelas próprias condições de vida.

³¹ BASE PARA A FUNDAÇÃO. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.1 15 ago 1919, p.1.

³² A POLITICA. *O Artista*, Parnaíba, ano1, n.1, p.3, 15 ago. 1919.

³³ FERRERAS, Norberto O. The Contemporary Argentine Society Constitution. *Society and Work between 1880 and 1920*. História, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 170-181, 2006 P.P179

Consegui encontrar em levantamentos da imprensa operária, relatos empíricos de contatos de sociedades de auxílio mútuo de Teresina, Caxias, Parnaíba e São Luís com agremiações de Buenos Aires.

Entretanto, qual o outro pano de fundo que pode também explicar essa ligação latino-americana? Uma de minhas hipóteses, parte da própria experiência de vida dos trabalhadores e trabalhadoras do período, que atravessam similaridades não somente com a Argentina mas por muitos outros países.

A questão operária na virada do século XIX para o XX, faz parte da agenda mundial das preocupações de governos, entidades, grupos intelectuais - alguns desses grupos preocupavam-se com as condições de existência da classe trabalhadora, condições de sobrevivência que em minha visão pode ser usado para explicar algumas conexões globais operárias do período.

Norberto Ferreras afirma que na Argentina do início do século XX, os trabalhadores viviam em locais que possibilitaram o surgimento de aspirações operárias, pois

Foi nesses espaços de classe, claramente segregados dos espaços burgueses, que as idéias socialistas e anarquistas floresceram e cresceram. O conventillo, os bairros de choupanas e as casas pobres foram as sedes das primeiras e difusas instituições operárias. Daqui surgiram outras instituições, baseadas no reconhecimento de pertença a um grupo diferente dos proprietários e patrões, que atenderiam aos interesses políticos e culturais dos trabalhadores, tais como bibliotecas, grupos teatrais e locais políticos.³⁴

Essas mutuais surgem desses espaços, são trabalhadores que vivem nesses espaços, desse mundo que tem realidades locais mas que também são internacionais, pois a condição operária da virada do século XIX para o XX, parece estar muito próxima, já que as relações do grande Capital seguem uma lógica de mercado de um liberalismo excludente no período estudado.

A agenda do capitalismo globalizado para algumas regiões do mundo, de certa maneira consegue aproximar as condições de vida de trabalhadores da Argentina e do Brasil como dos operários de Manchester, da Bélgica e de outros Países.

O próprio sonho da elite do meio-norte no Brasil do século XIX em transformar a Caxias na Manchester Maranhense, evoca tais questões, a medida que se nos detivermos as reais condições dos trabalhadores de Manchester no século XIX e

³⁴ FERRERAS, Norberto. O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires 1880-1920. Niterói. EDUFF2006.p.89

compararmos aos projetos que estavam sendo implantados no meio-norte brasileiro para o operariado, vamos perceber algumas convergências nas condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras, perceberemos ainda, um dos motivos pelo qual o mutualismo nessa região ter assumido caráter de luta, até mesmo contra a ordem vigente e contra o capital³⁵.

O rótulo de Caxias, enquanto Manchester Maranhense já se opera enquanto uma tentativa de se perceber aquela cidade enquanto internacional, e no sonho de se construir um pólo de indústrias ao redor de Caxias. Em Teresina por exemplo a maior fábrica no início do Século XX, era uma fábrica de fiação, dos mesmos proprietários da fábrica de fiação de Caxias fundada no século XIX, um desses donos, fora quem primeiro cunhou o termo eufórico de “Manchester Maranhense”.

Ainda sobre essa idéia de Manchester, Friedrich Engels, tendo estudado a situação dos operários e das operárias na Inglaterra do Século XIX, evidenciou alguns aspectos da própria cidade da época “Manchester é constituída de um modo tão peculiar que podemos residir nela durante anos, ou entrar e sair diretamente dela, sem jamais ver um bairro operário ou até mesmo encontrar um operário.”³⁶

Assim como a cidade de Manchester foi pensada para esconder seus operários, a São Luís do final do século XIX também fora projetada com a mesma idéia arquitetônica, segundo relatos³⁷ os negros, os trabalhadores viviam em locais fétidos, pouco ventilados, porões por debaixo de armazéns, casarões, lugares entregues a toda sorte de doenças.

Teresina, da mesma maneira em fins do século XIX e início do XX, reservava moradias em verdadeiros casebres, choupanas, bem afastados das áreas centrais da cidade, que assim como São Luís e Manchester era possível um visitante entrar e sair de tais cidades sem necessariamente cruzar com um operário, Teresina tinha uma rua de trabalhadores denominada “Rua dos negros”, onde grande parte da classe trabalhadora morava segregada, residiam ali até mesmo crianças, meninas de 9 a 14 anos as quais

³⁵ No Jornal da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, é percebido vários embates contra a ordem econômica vigente, “Pelas fabricas, pellas officinas, pellas lavouras, vemos centenas de homens a trabalhar para um só individuo acumular riquezas, e elles, d’ali, como escravos inconscientes, onde esgotaram toda actividade da vida, onde viram desaparecer os sonhos e as illusões da mocidade, chegam ordinariamente, ás portas da velhice, sem ter um abrigo para as noites de desalentos, sem ter um pedaço de pão para mitigar a fome e de seu filho no dia d’amanhã... [sic]” in: BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo I. *O Operario*, Teresina, ano1, n. 15, p.1, 23 jun 1906.

³⁶ ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo, Boitempo, 2008, P.88

³⁷ Almanack dos Pobres. São Luís, 1886.

eram a principal mão de obra da extensão do sonho da “Manchester Maranhense” no Paiuí, a fábrica de fiação.

Em Parnaíba a situação era parecida, além das condições miseráveis de vida, que os “vinte e tantos mil trabalhadores e trabalhadoras sofriam com uma vida sacra, a dor e o desespero” segundo a sociedade mutual dos artistas Liberais- as doenças sexualmente transmissíveis chegavam a mulheres, filhas dos operários pobres, que tinham de se entregar a prostituição pelas praças, e pelo cais, para conseguirem um dinheiro para sobreviver.

Segundo Engels os bairros, as moradias:

Resumindo o resultado de nosso percurso através deles, diremos que 350 mil operários de Manchester e arredores vivem quase todos em habitações miseráveis, úmidas e sujas; que a maioria das ruas pelas quais têm de passar se encontra num estado deplorável; extremamente sujas, essas vias foram abertas sem qualquer cuidado com a ventilação.³⁸

As semelhanças, confirmam idéia de que é necessário pensar no operariado e suas ações de uma maneira global, com essa visão o Historiador Marcelo Badaró Mattos percebe que ;

A reconfiguração recente da classe trabalhadora parece ter sensibilizado também os olhares dos historiadores sobre o passado, gerando debates que, a partir de diferentes ênfases teóricas ou de pesquisas empíricas variadas, convergem para a necessidade de complexificação do entendimento das relações de trabalho e do perfil da classe trabalhadora nas diferentes situações históricas a partir das quais o capitalismo se implantou em escala global.³⁹

Perceber essas situações históricas imbricadas na classe trabalhadora na medida da implantação de um capitalismo global, é uma tarefa difícil, entretanto caso se queira enfrentá-la, uma possibilidade é observando maneiras como os trabalhadores respondem a essa lógica de um capitalismo global.

No meio-norte brasileiro o exemplo, a social democracia alemã do início do século XX, teve muita reverberação no meio do mutualismo, pois a “aspiração do Partido Socialista Alemão, é a de conquistar os trabalhadores rurais, incluindo entre

³⁸ ENGELS, Friedrich. 2008, P.104-105

³⁹ MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalho, classe trabalhadora e o debate sobre o sujeito histórico ontem e hoje* .p,119. In; DAVID NEVES, Renake Bertholdo. *Trabalho estranhamento emancipação*. coleção NIEP MARX, vol I, Rio de Janeiro: editora Consequencia, 30/07/2015

elles os pequenos proprietários. Si é a união que faz a força, a união das classes sacrificadas poderá mais do que uma só.”⁴⁰

Havia na época em diversas mutuais a admiração pelo “socialismo alemão” ou a social democracia, não por acaso um alemão aparece como esperança de uma solução para as lutas da classe trabalhadora no período, e no território vivido, no início de cada numero do jornal *o operário*, e que corrobora com a idéia da necessidade de se arriscar aos erros e acertos metodológicos dos caminhos da história global do trabalho, a frase em questão é do alemão Karl Marx “Trabalhadores do mundo inteiro todo Uni- vos”.

Essa Frase encontrava-se sempre em cada número do órgão de propaganda da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, que assim como outras mutuais buscavam sempre informações sobre o mundo naquela época, o exemplo político dos operários na Alemanha parecia ser o mais desejado, devido a informações que chegavam até aquelas mutuais.

Segundo Marcel Van der Linden, um dos pontos que ajudam a pensar um internacionalismo operário é “A troca de informações. As lideranças operárias há muito reconhecem a necessidade de compreender o desenvolvimento dos salários e dos preços, a legislação trabalhista etc. em outros países.”⁴¹

A receptividade de tais informações não fazia-se algo automático, havia uma certa apreensão crítica, principalmente por parte das elites letradas que também compunham os quadros de muitas sociedades de socorros mútuos o jornal *O operário* observa que;

“Há um obstaculo muito sério á tão elevado desideratum, e este obstáculo é o espírito de revolta, que infelizmente, na velha Europa, e em muitas das nações Americanas, vai se infiltrando nas classes, sobre diversas formas doutrinarias(...) De todos os recantos do mundo civilizado chega-nos a noticia dessas lutas, onde se patenteiam bem os motivos de sua existencia. Aqui são as greves, ora parciais, ora geraes que levantam-se altivas em busca de vitorias meramente problematicas, ali são os comícios em que se discutem os meios de levar avante a solução do magno problema que preocupa os espíritos. [sic]”⁴²

É notável a preocupação com as greves, com as agitações operárias - a mutual em questão preferia outros meios de resolução do problema do operariado, meios que recusavam uma ação mais direta, no entanto o que nos interessa nesse ponto é a visão

⁴⁰ ALBUQUERQUE, Medeiros e. Ordem do dia. *O Operário*, Teresina, ano 1, n.11, p.2, 21 mai. 1906.

⁴¹ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.293

⁴² FREITAS, Clodoaldo. Justo Desideratum. *O Operario*, Teresina, ano1, n. 11, p.1, 21 mai. 1906.

que se tinha da Europa, e acrítica a um certo rumo que o operariado Europeu estava tomando.

Também circulava o pensamento, em certo caso, de que as mutuais do sertão podiam influenciar as agremiações operárias do mundo todo, inclusive

do mesmo modo que os ecos longínquos dos nossos irmãos da Europa chegaram até nós, fortes e penetrantes, assim teremos a alegria de ver as nossas palavras em doce tremular, reverberarem-se por essa massa que reagita precipite na cooperação incessante e trabalhosa para o engrandecimento da classe.⁴³

Essa alegria do Club Patriótico dos Artistas Caxienses, é a mesma alegria em defender uma causa que era dos mineiros Belgas, no trecho acima é nítido a concepção de que embora longe das palavras dos irmãos trabalhadores do velho mundo, elas chegaram até aqueles trabalhadores no interior do sul global, não apenas chegaram como encontraram receptividade.

Porém, essa não era uma via única, a internacionalização operária era entendida de um modo participativo, os trabalhadores tinham a perspicácia de entender que as palavras de um jornalzinho de uma sociedade mutual do sertão do Brasil chegariam a tremular, reverberar-se pelo mundo, o sertão para aqueles trabalhadores era do tamanho do mundo.

Como a epígrafe inicial de Guimarães Rosa sugere. O que fazia do sertão do tamanho do mundo eram os laços de cooperação que deveria ser incansável para o engrandecimento da classe. Mas de qual classe aqueles operários se referiam? A qual classe se identificavam naquele local? Uma classe de trabalhadores de Caxias ? do Maranhão? Do meio norte do Brasil?

O que no mínimo, deve-se abstrair é que naquele momento embora a sociedade mutual em questão, se auto denomine “patriótica” em seu próprio nome, esse patriotismo parece estar voltado para uma, “Identidade indireta de interesses grupais”, que ocorre quando “Os trabalhadores de um país apóiam a melhoria da situação de trabalhadores de outro país que enfrentam condições ainda piores, por que essa melhoria é uma condição para o sucesso da promoção de seus próprios interesses.”⁴⁴ Como no caso supracitado dos mineiros Belgas.

⁴³ *O Artista Caxiense*, Caxias, anoII, n.20, p3, 09 jun. 1891. Jornal operário e instrumento de propaganda da sociedade Club Patriótico dos Artistas Caxienses.

⁴⁴ VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P,290.

Essas conexões globais no meio-norte brasileiro, davam-se também nas próprias relações de trabalho, principalmente dos trabalhadores portuários, segundo Linden;

Alguns grupos de trabalhadores da área de transportes (marinheiros por exemplo) viajam constantemente de um país para o outro, já sendo, portanto, organizados em nível internacional. As atividades coletivas relacionadas a suas condições de trabalho, por tanto, já de partida têm uma dimensão transnacional.⁴⁵

O fluxo de trabalhadores estivadores, marinheiros entre os portos de Tutóia no Maranhão e Amarração no Piauí, bem como suas história ajudam a traçar o tom transnacional das relações de trabalho que se davam no período.

Somente no ano de 1918 foram exportados 1.710,270 milhões de kilos de cera de carnaúba para a Alemanha, 686.521 mil kilos para a Grã Bretanha, 941.183 mil para os EUA, 20.568 mil kilos para a Bélgica, 508.576 mil para a França, toda essa mercadoria de exportação⁴⁶, circulou pelos portos de Parnaíba e do Maranhão.

O trabalhadores na época tinham a noção da internacionalização desse trabalho de exportação, como o senhor Jeremias Ricardo Lima, que trabalhava para a firma do senhor Jacob, um francês que tinha um comércio de exportação e importação, segundo seu empregado;

A firma exportava cera de carnaúba quem comprava era os Estados Unidos, em grande quantidade. Comprava também, o babaçu, tucum, mamona, milho, couro de boi, algodão, goma de mandioca e muitos outros produtos... A batata de purga, era exclusividade da Alemanha, era especialidade dela... pra fazer remédio. Em resumo até osso de bicho que morriam eles compravam o osso. A Alemanha comprava isso. O maior freguês era o americano da cera de carnaúba.⁴⁷

Jeremias afirma também que era “questão de se você saísse daqui cinco horas da manhã chegava lá de noite aí passava a carga das alvarengas para os navios que saía de Tutóia, pro destino deles, América do Norte, Inglaterra, Alemanha, esses países todos, dependia da carga que eles levavam. Mas a maioria era inglesa, americana e da Alemanha que era país que comprava”⁴⁸

⁴⁵VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P, 292.

⁴⁶ Fonte: Carta CEPRO 1981.

⁴⁷ Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p.334.

⁴⁸ Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p.334.

Jeremias tinha a noção de que todos aqueles países dependiam da carga que era movimentada por aqueles trabalhadores. Assim ele se percebe inerte em um sistema mundial de produção e circulação de mercadorias, além de experienciar uma relação diferente com o próprio tempo. Jeremias e outros operários estivadores orientavam-se muitas vezes pelo horário de Londres, da Ilha da Madeira, de Paris entre outras cidades.

Na historiografia do trabalho no Brasil, existem estudos recentes que já pensam a relação do trabalhadores que trabalharam juntos estivas da terra e do mar, essa realidade também houve em Recife em um período um pouco atrás do nosso estudo inicial, eram pretos descendentes de africanos também,

Na década de 1850, africanos e seus descendentes das mais variadas condições jurídicas, alemães, belgas e portugueses labutaram em canteiros de obras públicas recifenses. Esses espaços permitiram que concepções de trabalho justo fossem misturadas com areia, cimento, cal e água. O produto dessa síntese foi um dos materiais de construção que colaborou com a edificação do proletariado atlântico, empreitada que se iniciou nos séculos XVII e XVIII – como propôs *A hidra de muitas cabeças*. Por meio das fontes e das análises realizadas nesse artigo, percebemos que o proletariado atlântico residente na capital pernambucana experimentou peculiaridades constituintes, fruto da dialética entre global e local.⁴⁹

Necessitamos pensar o mutualismo brasileiro a luz de novos estudos, percebendo essa dialética local global, e o quanto disso influenciou os operários no sul global e quanto o sul global influenciou operários de outras partes do mundo.

Porém como afirma Marcel Van der Linden, “A pesquisa sobre a verdadeira história do internacionalismo da classe trabalhadora ainda se encontra em seus primórdios, apesar dos importantes avanços ocorridos nos últimos anos.”⁵⁰

Outro trabalhador portuário que nos dá indícios das relações de trabalho de uma maneira mais ampla ao redor das exportações, e do internacionalismo da classe trabalhadora é Doca Monteiro que afirma “aqui de vida já experimentei de tudo, vaqueiro, de tocador de carga, tudo, tudo, tudo já experimentei: comerciante, fui comerciante de loja de tecidos, fui comerciante de mercearia...”⁵¹

⁴⁹ MAC CORD, Marcelo. *CONEXÕES ATLÂNTICAS NOS CANTEIROS DE OBRAS PÚBLICAS RECIFENSES: LUTAS SUBALTERNAS CONTRA A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO. DÉCADA DE 1850*. REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA, Rio de Janeiro, 7, 1: 156-185, 2013.P. 180

⁵⁰ VAN DER LINDEN, Marcel. 2013, P, 291.

⁵¹ Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008, p.333.

Essa afirmação de Doca Monteiro, de já ter feito de tudo é bem característico do tipo de relação de trabalho estabelecida em países de capitalismo periférico no mundo daquele momento.

Caso pensemos na extração, e comercialização de commodities como a cera de carnaúba, vamos vislumbrar que é necessário diferentes relações de trabalho em diferentes cadeias de trabalho para a extração; a comercialização da matéria bruta, a extração do pó, até a exportação, o processo passa por várias relações de trabalho, formas de pagamento, trabalho por hora, por quantidade, e por dia, formas de trabalho que eram denunciadas pelas mutuais da época, comparadas a formas de trabalho escravizado de fato.

Para entender melhor a perspectiva da história global das relações de trabalho, bem como fornecer meios adequados para interpretação desses fenômenos dos trabalhadores a nível do globo, Marcel Van der Linden traz a teoria do *sistema-mundo* de Warllestein, nessa maneira, é observado por Immanuel Warllestein que;

uma característica essencial do *sistema-mundo* capitalista: o trabalho assalariado é de fato uma característica definidora do capitalismo, mas não em todos os empreendimentos produtivos. O trabalho livre é a forma de controle do trabalho usada para os trabalhadores qualificados dos países centrais, ao passo que o trabalho forçado é usado para os trabalhadores de menor qualificação das áreas periféricas. A combinação de formas, portanto, é a essência do capitalismo. Quando a totalidade do trabalho, em todas as regiões é livre, temos o socialismo.⁵²

O trabalhador Jeremias Ricardo por exemplo, relata a jornada de trabalho dele e de alguns companheiros;

O sujeito fugia e se escondia pra descansar, porque o serviço era dia e noite, tinha época de embarque que você não pegava só o dia não, você pegava dia e noite pra dar conta do serviço. Isso ocorria por causa da estadia do navio, estadia marcada. Chegava tal dia com saída marcada para o dia tal. Então tínhamos que despachar antes daquele dia. Ia pra Tutóia dentro do prazo. Isso nunca falhou. Eu trabalhei muitas noites pra chegar a tempo do serviço lá⁵³.

O que fica nítido em tal fala de Jeremias, para além da jornada exaustiva, era o fato de o relógio daqueles operários, a própria concepção de tempo deles pautava-se pela lógica de um tempo global, o relógio dos operários estivadores naqueles portos do Piauí e Maranhão, eram relógios globais.

⁵² WARLLESTEN, Immanuel. *Modern World-system I*, P.127.

⁵³ Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p 337.

De tudo que fora colocado nesse texto que faz parte de um esforço de pesquisa, talvez o que se tenha que perceber em última instância é que o global, os intercâmbios internacionais faziam parte da experiência associativa e do formar-se de uma consciência de classe dos operários e operárias estudados até aqui, o elemento do internacionalismo operário esteve presente no tempo estudado, e como nos adverte E. P. Thompson “nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente.”⁵⁴

No início desse texto, a epígrafe que é o trecho da música de Luiz Gonzaga refere-se aos rumos das águas do Rio São Francisco, o autor se coloca no lugar de um peixe na segunda parte da música, e afirma que faria o caminho contrário o das águas em direção ao continente, somente para “ver o meu brejinho/Fazer umas caçada/Ver as "pega" de boi/ Andar nas vaquejada/Dormir ao som do chocalho/E acordar com a passarada/Sem rádio e nem notícia/Das terra civilizada.”

Esse desejo de aproveitar um tempo lúdico, sem notícia daquele fluxo internacional, tentando fugir daquela cadeia global de trabalho, talvez fosse a vontade do operário Jeremias, pois “se pensa que eu terminava um serviço desse e ia dormir não, eu ia era pra farra, pra qui, pra culá tinha muito lugar pra ir.”⁵⁵

⁵⁴ THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.

⁵⁵ Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008. p.337.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict. *Sob três Bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial*. Campinas/Fortaleza: Editora da Unicamp/Editora da UECE, 2014
- BATALHA, Cláudio. *Os desafios atuais da história do trabalho*. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006
- BATALHA, Claudio. Realçando o debate sobre mutualismo no Brasil: As relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos á luz da produção recente, *Mundos do Trabalho*, vol,2.n.4 ago-dez. de 2010
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo, Boitempo, 2008
- FERRERAS, Norberto. *O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires 1880-1920*. Niterói. EDUFF 2006
- FERRERAS, Norberto O. *The Contemporary Argentine Society Constitution*. Society and Work between 1880 and 1920. *História*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 170-181, 2006
- FINK, Leon. *A grande fuga: como um campo sobreviveu a tempos difíceis*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2012, vol.32, n.64, pp.15-25. ISSN 1806-9347. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882012000200002>
- GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... cidades-beira*. (1850-1950) 2008. Teresina: Edufpi, 2010
- LINEBAUGHT, Peter; Marcus, REDIKER. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MAC CORD, Marcelo. *CONEXÕES ATLÂNTICAS NOS CANTEIROS DE OBRAS PÚBLICAS RECIFENSES: LUTAS SUBALTERNAS CONTRA A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO. DÉCADA DE 1850*. *REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA*, Rio de Janeiro, 7, 1: 156-185, 2013. P. 180
- MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *A PERSEVERANÇA DOS CAIXEIROS: o mutualismo dos trabalhadores do comércio (1879-1917)* Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004
- MARQUESE, Rafael de Bivar; PARRON, Tâmis Peixoto. *Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão*. *Topoi*, v.12, n.23, p.97-117, dez. 2011.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalho, classe trabalhadora e o debate sobre o sujeito histórico ontem e hoje* .p,119. In; DAVID NEVES, Renake Bertholdo. *Trabalho e estranhamento emancipação*. coleção NIEP MARX, vol I, Rio de Janeiro: editora Conseqüência, 30/07/2015

MARX, Karl, *O Capital: Crítica da Economia Política*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008. (Livro I, volume 1, Capítulo I - A mercadoria; e Livro I, volume 2, Capítulo XXIV – A chamada acumulação primitiva).

PINHEIRO, P. Sérgio; HALL, Michael. *A Classe Operária no Brasil: Documentos 1889-1930*. vol. 1, São Paulo: Alfa Omega, 1981, p.45

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos & CARVALHO, Marcos J. M. de. *O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (1822-1853)*, São Paulo, Cia. das Letras, 2010.

SOUZA, Joana Batista de. *O Poder dos trilhos: a trajetória do trem em Caxias do final do século XIX até a década de 1920* in: MELO, Salânia; PESSOA, Jordânia (orgs). *Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das Histórias de Caxias*. Teresina: Edufpi, 2010.

THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.

VAN DER LINDEN, Marcel. *Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma História Global do Trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp. 2013